



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM PSICOLOGIA, AVALIAÇÃO E ATENÇÃO À SAÚDE

VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO: REFLEXÕES À LUZ DA TEORIA DO APEGO

Olga Alves Ribeiro

Orientador (a): Cristiane Ajnamei dos Santos Alfaya

Co-orientador (a): Silvana Batista Gaino

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, elaborado de acordo com as normas da revista “Revista Subjetividades”

Santo Antônio de Jesus, 15 de Maio de 2021.

Violência por parceiro íntimo: reflexões à luz da teoria do apego

Violência, parceiro íntimo e teoria do apego

Intimate partner violence: reflections in light of attachment theory

Violencia de pareja íntima: reflexiones a la luz de la teoría del apego

Violence entre partenaires intimes: réflexions à la lumière de la théorie de l'attachement

Resumo

Com o contínuo aumento da violência contra a mulher brasileira praticada por parceiro íntimo, este artigo propôs uma investigação das características sociodemográficas de mulheres que sofreram violência por parceiro íntimo no Brasil. Buscou-se compreender os possíveis fatores que contribuem para que mulheres vivenciem relacionamentos violentos, assim como, a dificuldade em romper relacionamentos abusivos. Utilizou-se a base de dados LILACS, sendo encontrado 11 artigos sobre o tema. Após análise dos dados obtidos e entrelaçamento com a teoria do apego de Bowlby, foi possível identificar que as relações sociais, principalmente com seus cuidadores, e as condições socioeconômicas-culturais, influenciam diretamente na relação conjugal. Palavras-chave: violência; parceiro íntimo; reflexões; teoria do apego.

Abstract

With the continuous increase in violence against Brazilian women practiced by an intimate partner, this article proposed an investigation of the sociodemographic characteristics of women who suffered intimate partner violence in Brazil. We sought to understand the possible factors that contribute to women experiencing violent relationships, as well as the difficulty in breaking abusive relationships. The LILACS database was used, and 11 articles were found on the topic. After analyzing the data obtained and intertwining with Bowlby's attachment theory, it was possible to identify that social relationships, especially with their caregivers, and socioeconomic-cultural conditions, directly influence the marital relationship. Keywords: violence; intimate partner; reflections; attachment theory.

Resumen

Con el continuo aumento de la violencia contra las mujeres brasileñas practicada por una pareja íntima, este artículo propuso una investigación de las características sociodemográficas de las mujeres que sufrieron violencia de pareja íntima en Brasil. Buscamos comprender los

posibles factores que contribuyen a que las mujeres experimenten relaciones violentas, así como la dificultad para romper relaciones abusivas. Se utilizó la base de datos LILACS y se encontraron 11 artículos sobre el tema. Tras analizar los datos obtenidos y entrelazarlos con la teoría del apego de Bowlby, se pudo identificar que las relaciones sociales, especialmente con sus cuidadores, y las condiciones socioeconómicas-culturales, influyen directamente en la relación conyugal. Palabras clave: violencia; compañero íntimo; reflexiones; teoría do apego.

Résumé

Avec l'augmentation continue de la violence contre les femmes brésiliennes pratiquée par un partenaire intime, cet article proposait une enquête sur les caractéristiques sociodémographiques des femmes victimes de violence conjugale au Brésil. Nous avons cherché à comprendre les facteurs possibles qui contribuent aux femmes qui vivent des relations violentes, ainsi que la difficulté à rompre les relations abusives. La base de données LILACS a été utilisée et 11 articles ont été trouvés sur le sujet. Après avoir analysé les données obtenues et s'entremêlant avec la théorie de l'attachement de Bowlby, il a été possible d'identifier que les relations sociales, en particulier avec leurs soignants, et les conditions socio-économiques et culturelles, influencent directement la relation conjugale. Mots clés: violence; partenaire intime; réflexions; théorie de l'attachement.

Introdução

No Brasil, a violência contra a mulher torna-se cada vez maior. Os índices mostram um constante aumento da violência o que leva a discussão para além dos direitos humanos e passa a ser um problema de saúde e segurança pública. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2020, no ano de 2018 foram registrados 1.229 casos de feminicídio no Brasil e em 2019 o número subiu para 1.326 casos.

No primeiro semestre de 2020 houve aumento desses registros com variação de 1,9%, quando comparado ao primeiro semestre de 2019. Em relação ao registro de violência nas delegacias, o número diminuiu, porém, os índices de ligações para o 190 devido a violência doméstica teve variação de 3,8% comparado ao primeiro semestre de 2019, uma provável consequência da pandemia e necessidade de isolamento. A violência contra a mulher é praticada em sua maioria por parceiro ou ex-parceiro, sendo a sua residência o principal local dos casos de violência mais grave (Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2020)

Conforme Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2019), 42% da agressão ocorre dentro do lar, a faixa etária prevalece dos 16 aos 24 anos e em relação a raça/cor, mulheres negras são as maiores vítimas. A violência contra a mulher, pode ser classificada em física, psicológica, sexual, patrimonial e moral, de acordo com a Lei Maria da Penha de nº 11.340/2006. No contexto brasileiro, segundo Waiselfisz (2015), a violência física tem alcançado o maior índice com 48,7%, seguido da violência psicológica com 23,0% e por último, a violência sexual com 11,9%, principalmente entre crianças e adolescentes.

Considerando os fatores sociodemográficos informados como idade, cor/raça e tipo de violência, surge o interesse em realizar um estudo de levantamento das características

sociodemográficas de mulheres vítimas de violência por parceiro íntimo. Para além disso, o presente estudo busca refletir e compreender essas relações violentas a luz da teoria do apego (Bowlby, 1989). Esta teoria define os laços afetivos como um vínculo de segurança com alguém que representa ser capaz de proteger em situações de ameaça. Essa figura está diretamente ligada a mãe, pai ou cuidadores principais da criança. Ramires e Schineider (2010) afirmam que essa teoria faz parte do desenvolvimento humano e o comportamento de apego seria um mecanismo de sobrevivência.

No Brasil, estudos empíricos sobre a violência sofrida por mulheres consideram como características sociodemográficas as variáveis, como o número de participantes, localidade/região, cor/raça, idade e escolaridade. Estas variáveis são frequentemente encontradas em pesquisa de levantamento. Para além disso, estudos mostram dados mais específicos de acordo com o tema, tais como, situação conjugal, classe social, gestações, filhos, religião, ocupação, uso de álcool por parte da mulher assim como pelo parceiro, local da ocorrência da agressão, apoio familiar, chefe da família, condição da residência, história de violência familiar (genitora), abuso sexual na infância e outros tipos de violência. Desse modo, a quantidade de variáveis traz dados importantes e diversos, contribuindo para a pesquisa brasileira, a qual envolve um grande território e diversas culturas, trazendo dados próximos a realidade do país. (Barros et al., 2016; d'Oliveira et al., 2009; Leite, Amorim, Wehrmeister, & Gigante, 2017; Mascarenhas et al., 2020; Mathias, Bedone, Osis, & Fernandes, 2013; Mota, Vasconcelos, & Assis, 2007; Moura, Gandolfi, Vasconcelos, & Pratesi, 2009; Netto, Moura, Araujo, Souza, & Silva, 2017; Oliveira et al., 2019; Rafael et al., 2017; Vieira, Perdona, & Santos, 2011).

Método

Trata-se de uma revisão bibliográfica sobre as características sociodemográficas a respeito de mulheres que sofreram violência pelo parceiro íntimo no Brasil.

A busca foi realizada na base de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), sendo encontrado artigos sobre o tema. Nesta base de dados utilizou-se os descritores: “Violência por parceiro íntimo”, “Mulheres”, “Brasil”.

Os critérios aplicados neste estudo foram artigos publicados em português, inglês e espanhol nos últimos vinte anos sobre o tema da violência por parceiro íntimo sofrida por mulheres brasileiras. Desse modo, a quantidade encontrada foram 70 artigos. Após leitura dos títulos e resumos foram selecionados 44 artigos de acordo com o tema, sendo incluídos estudos realizados no contexto brasileiro; público feminino; mulheres sem transtornos mentais e problemas de saúde; mulheres violentadas por parceiro íntimo.

No total foram encontrados onze artigos sobre os dados sociodemográficos de mulheres violentadas por parceiro íntimo no Brasil.

Resultados e Discussão

Primeiramente serão apresentados os dados sociodemográficos encontrados no período de 2007 a 2020. Em seguida, a violência sofrida pela mulher será discutida à luz da teoria do apego no contexto familiar.

A partir do levantamento encontrado sobre as características sociodemográficas em mulheres brasileiras que sofrem violência por parceiro íntimo, foi possível reunir informações para uma melhor visualização da população em questão.

Sobre o número amostral de participantes, de modo geral, os artigos trouxeram populações com números diversificados, com amostra mínima de 20 mulheres (Netto et al., 2017) e máxima de 454.984 (Mascarenhas et al., 2020).

A região/localidade da realização dos estudos encontrados, foram predominantemente na região sudeste (Rafael et al., 2017; Leite et al., 2017; Netto et al., 2017; Mathias et al.,

2013; Vieira et al., 2011; d'Oliveira et al., 2009; Mota et al., 2007), seguido de nordeste (Barros et al., 2016; d'Oliveira et al., 2009). Na região centro-oeste do país, apenas um artigo foi encontrado (Moura et al., 2009), assim como a região norte (Oliveira et al., 2019). Também foi constatado um estudo com todos os estados brasileiros (Mascarenhas et al., 2020).

A revisão trouxe dados de mulheres com idades variadas. A maioria dos estudos encontrados, as mulheres tinham entre 15 e 49 anos (Mascarenhas et al., 2020; Barros et al., 2016; Vieira et al., 2011; Moura et al., 2009; d'Oliveira et al., 2009). Dois estudos tinham entre 18 a 60 anos ou mais (Netto et al., 2017; Mathias et al., 2013). Um estudo apresentou idade de 25 a 64 anos (Rafael et al., 2017), em outro artigo a faixa etária foi de 20 a 59 anos (Leite et al., 2017). Um estudo com mulheres de idade maior que 10 anos (Oliveira et al., 2019) e por último uma produção que dividiu a faixa etária em até 40 e mais que 40 anos (Mota et al., 2007).

Com relação a cor e raça, a maior parte dos estudos foram realizados com mulheres que se autodeclaravam pardas ou pretas (Rafael et al., 2017; Leite et al., 2017; Barros et al., 2016; d'Oliveira et al., 2009; Mota et al., 2007), e a minoria se autodeclarava branca (Netto et al., 2017; Vieira et al., 2011; d'Oliveira et al., 2009). Apenas um artigo não trouxe esse dado sobre cor/raça (Moura et al., 2009).

Sobre a questão educacional, a maioria dos estudos identificou baixa escolaridade. Apenas dois artigos apresentaram mulheres com ensino médio completo (Netto et al., 2017; Vieira et al., 2011), um artigo com ensino médio incompleto (Mota et al., 2007). Outro estudo com ensino fundamental completo ou mais anos de estudo (Leite et al., 2017), ou apenas com ensino fundamental (Oliveira et al., 2019). Cinco produções notificaram período de estudo em menor ou igual a 8 anos (Mascarenhas et al., 2020; Rafael et al., 2017; Mathias et al., 2013; Moura et al., 2009; d'Oliveira et al., 2009), sendo classificado como ensino fundamental

incompleto. Por último, uma pesquisa identificou oito ou mais anos de estudo (Barros et al., 2016).

No quesito situação conjugal os estudos demonstram que mais da metade das mulheres eram casadas ou tinham um companheiro (Mascarenhas et al., 2020; Rafael et al., 2017; Leite et al., 2017; Barros et al., 2016; Mathias et al., 2013; Vieira et al., 2011; Moura et al., 2009; d'Oliveira et al., 2009). Também foi encontrado um estudo com mulheres solteiras (Oliveira et al., 2019), outro estudo com mulheres separadas (Netto et al., 2017) e um estudo não informou esse dado (Mota et al., 2007).

Em relação a classe social, a revisão demonstrou que a maioria das mulheres se encontravam entre a classe média e baixa (Rafael et al., 2017; Leite et al., 2017; Netto et al., 2017; Mathias et al., 2013; Vieira et al., 2011; d'Oliveira et al., 2009). Cinco artigos não trouxeram esse dado (Mascarenhas et al., 2020; Oliveira et al., 2019; Barros et al., 2016; Moura et al., 2009; Mota et al., 2007).

Quanto a religião, cinco artigos afirmaram que a população seguia alguma religião, em sua maioria católica (Mathias et al., 2013; Vieira et al., 2011; Moura et al., 2009). Um artigo não especificou a religião (Barros et al., 2016), um artigo as mulheres se declararam evangélicas (Leite et al., 2017).

Tratando-se de ocupação, dois artigos afirmaram o desemprego entre as mulheres (Barros et al., 2016; Moura et al., 2009) e dois artigos as mulheres estavam empregadas, mas não especificaram a ocupação (Mathias et al., 2013; Mota et al., 2007).

Sobre o local de ocorrência da agressão dois artigos afirmaram ter acontecido na própria residência (Mascarenhas et al., 2020; Oliveira et al., 2019).

Referente ao apoio familiar dois artigos afirmaram que as mulheres possuíam essa rede de apoio (Moura et al., 2009; d'Oliveira et al., 2009).

Quanto a ideia de chefe de família, de acordo com a classificação das mulheres, dois artigos apresentaram o homem enquanto chefe (Vieira et al., 2011; Mota et al., 2007). Em relação a residência dois artigos apresentaram mulheres com casa própria (Vieira et al., 2011; Mota et al., 2007). A revisão traz dois artigos que discutem os mesmos critérios, violência por parceiro sofrido pela mãe da entrevistada e abuso sexual na infância da entrevistada, em ambos os artigos as entrevistadas responderam que não foram abusadas sexualmente na infância e suas mães não foram violentadas por parceiro íntimo (Leite et al., 2017; d'Oliveira et al., 2009).

No tocante aos tipos de violência, quatro estudos trouxeram a prevalência de violência psicológica seguida pela física e por último a violência sexual (Leite et al., 2017; Barros et al., 2016; Mathias et al., 2013; Moura et al., 2009), um artigo trouxe a violência psicológica seguida da sexual e posteriormente a física (Rafael et al., 2017). Outro estudo apresentou a incidência maior de violência física seguida da psicológica e por fim, a violência sexual (Mascarenhas et al., 2020), outro artigo também mostrou incidência da violência física, porém, seguida pela sexual e enfim a psicológica (Oliveira et al., 2019).

Diante dos dados obtidos foi possível observar características sociodemográficas condizentes com a realidade brasileira, em que a incidência maior de mulheres violentadas foi negra, de baixa renda, baixa escolaridade e rede de apoio restrita. Em um país onde, historicamente, a população negra é violentada e vulnerabilizada, tais dados não são atuais, pois acabam reafirmando a continuidade da estrutura racista, classista e patriarcal do Brasil (d'Oliveira et al., 2009; Mathias et al., 2013; Rafael et al., 2017; Vieira et al., 2011).

A Tabela 1 apresenta as principais características sociodemográficas de mulheres que foram violentadas por parceiro íntimo no Brasil de acordo com os artigos encontradas na base de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS).

Inserir Tabela 1

Em relação às variáveis raça/cor e a violência doméstica sofrida por mulheres brasileiras, apenas dois estudos encontraram números maiores de mulheres brancas (Netto et al., 2017; Vieira et al., 2011). Esses estudos, também são as únicas pesquisas em que a população tem o maior índice de escolaridade, alcançando 12 anos de estudo. A relação encontrada entre as variáveis raça/cor branca e escolaridade de 12 anos é um resultado que poderia estar confirmando a continuidade da estrutura racista e classista do país. De acordo com Menezes, Amorim, Santos e Faúndes (2003), o alto índice de escolaridade e, conseqüentemente, a possibilidade de acesso à informação e as oportunidades de emprego são aspectos importantes, que contribuem para a independência financeira e emocional das mulheres. O sujeito que aumenta a sua rede social e consegue administrar o seu dinheiro, conquista a autonomia e a capacidade da tomada de decisão. Os resultados encontrados podem estar indicando que as mulheres brancas possuem mais recursos para romper com o relacionamento abusivo ou lidar com situações agressivas, quando visualizam modos de vida não violentos, através do acesso à informação e escolaridade.

Em contrapartida, as mulheres negras quando não possuem escolaridade, acesso à informação, oportunidade de emprego e boa remuneração, possivelmente, estarão mais suscetíveis à dependência financeira do parceiro. Além disso, elas poderão estar emocionalmente ligadas ao que lhe foi ensinado ou ao que é vivenciado no seu bairro e círculo social sobre relacionamento amoroso. Nesta direção, Menezes, Amorim, Santos e Faúndes (2003) discutem a repetição de relacionamento violento intergeracional, fazendo com que a mulher se conforme com o comportamento violento do parceiro, aceitando naturalmente a realidade da violência. Este comportamento da naturalização da violência sofrida pelas mulheres pode ocorrer em decorrência de um padrão aprendido, devido a sua exposição à violência dentro do seu meio familiar ou social, ou família violenta e contexto de

desigualdade de gênero são fomentadores de relações violentas (Buvinic, Morrison, & Shifter, 2000).

Entrelaçando a discussão sobre aprendizagem transgeracional e raça, Bell Hooks (2000) enfatiza como a população negra internalizou a ideia de amor e afeto enquanto algo de importância secundária, pois a primária seria a luta por sobrevivência. Diante disso, mulheres negras aprenderam com suas mães que a luta racial antecede a saúde emocional, e quando adultas, ao se sentirem fragilizadas, sustentam o sofrimento para não demonstrar vulnerabilidade. Isso corrobora com a ideia histórico-cultural de que a mulher negra é forte e se tratando do contexto amoroso, a mulher negra consegue suportar a violência do parceiro. A consequência de tal crença é a procura tardia por ajuda.

Mulheres que procuram o serviço público, como suporte para lidar com seu sofrimento, toleraram repetidas violências antes de buscar ajuda. A violência psicológica aparece em primeiro lugar, seguida da violência física e por último a violência sexual (Barros et al., 2016; Leite et al., 2017; Mathias et al., 2013; Moura et al., 2009). Tais dados confirmam a discussão sobre relacionamento abusivo que se inicia através de agressões verbais, humilhação, constrangimento e ameaça, podendo evoluir para agressões corporais (Silva, Coelho, & Caponi, 2007). Para além disso, as autoras pontuam a negligência sobre a violência psicológica por parte da mídia e do meio acadêmico, desenvolvendo discussão maior sobre violência física e sexual por ser algo visível.

No tocante aos fatores dependência financeira/emocional do parceiro e a violência doméstica sofrida por mulheres, dois artigos questionaram a referência de chefe da família (Mota et al., 2007; Vieira et al., 2011). Em ambos os estudos, o parceiro é compreendido como chefe, mesmo quando a mulher está empregada (Mota et al., 2007). Este dado indica que, mesmo com renda e casa própria, a mulher visualiza o parceiro como a autoridade do lar. Essa concepção da figura masculina enquanto superioridade mesmo quando não há

dependência financeira, confirma a discussão que a autoridade e violência está fortemente entrelaçada com uma sociedade machista/patriarcal, assim sendo,

[...] é necessário reconhecer que a violência contra a mulher é uma força social herdada da ordem patriarcal e dotada de capacidade estruturante da realidade social. Essa se torna uma modalidade expressiva em nossa sociedade, posta que está carregada de significados e significações, e cujas relações sociais são permeadas por relações de dominação e de poder, nas quais a carga simbólica é tão determinante quanto as demais. (Bandeira, 2017, p. 21)

Entendendo a violência por parceiro íntimo contra a mulher como sendo multifatorial, foi possível identificar dois eixos de grande influência para esse ocorrido. Para além das características sociodemográficas, o fator emocional é de suma importância. O aspecto emocional, que inclui a história de vida das mulheres, suas relações familiares, figuras parentais e contexto cultural em que vive, poderá influenciar diretamente a escolha do parceiro, bem como o modo de se relacionar (Nascimento, 2019).

Neste sentido, a teoria do apego de Bowlby (1989), discute o desenvolvimento socioemocional do sujeito a partir da sua relação com a figura de apego (cuidador principal), que na maioria das vezes está ligada a mãe, ou a pessoa que exerce a função de cuidar. Esse cuidador principal, em alguns casos, pode ser o próprio pai da criança (Silva & Piccinini, 2007). A criança pode ter o apego seguro, o qual é definido teoricamente como alguém que tem um cuidador atencioso, sensível aos sinais e necessidades, mostrando-se disponível para apoiar nos momentos de aflição. Em contrapartida, o apego inseguro denota uma criança que não se sente confiante em relação a disponibilidade dos cuidadores, tornando-se ansiosa e com receio de um risco de separação ou perda. A ausência predominante de um vínculo seguro e confiante com o cuidador principal poderá desencadear sentimentos de desconfiança e medo no sujeito, para explorar o mundo e exercer a sua autonomia.

Partindo desse pressuposto, mulheres que sofrem violência por parceiro íntimo, e principalmente, mulheres que permanecem nessas relações, repetindo o padrão de relação

abusiva e violenta, em algum momento da sua vida, tiveram a experiência de um apego inseguro. Isso, poderia explicar o motivo pelo qual, muitas vezes, as mulheres têm os recursos materiais possíveis para romper um ciclo de violência, porém se mantêm em tal situação. Poderíamos compreender a dificuldade emocional para romper o ciclo de violência, também, por meio do predomínio de trocas interativas violentas desde muito cedo na vida (Bowlby, 1989). Essas trocas interativas caracterizadas por comportamentos violentos poderiam ser experimentadas de maneira direta ou indireta. No sentido indireto, a possibilidade é a repetição do padrão de apego dos pais, pois há uma tendência à repetição de comportamento. Desse modo, as vivências dos pais com seus genitores poderiam influenciar a próxima geração e assim por diante, ou seja, a mulher violentada pode ter aprendido com suas figuras parentais que a forma segura de explorar o mundo, alcançar a autonomia, sendo ela mesma seja, talvez, através da violência.

Tratando-se do contexto brasileiro, em que o abandono paterno ainda se mostra presente e a sociedade traz o machismo e o racismo de forma enraizada nas suas relações interpessoais, a figura de apego das crianças tem como principais representação suas mães, avós, tias ou figuras femininas próximas. Desse modo, são gerações de mulheres sendo violentadas em algum nível e transferindo para os descendentes esta relação de apego inseguro ou ansioso (Thurler, 2017).

Outra discussão importante a ser feita, de acordo com a Teoria do Apego, é como a figura de apego é representada. Geralmente, a figura de apego é vista como alguém mais apto para enfrentar o mundo, sendo requisitada quando o sujeito se sente ameaçado, inseguro, cansado ou doente. A mulher que possui um apego inseguro recorre a sua figura de apego, tendo como exemplo o parceiro, quando ele mesmo a deixa em um estado de medo e insegurança, o que poderia explicar a dificuldade de a mulher romper com esse ciclo de

violência. A mesma figura que acolhe é a que a faz adoecer, pois o seu parceiro a adocece e depois a acolhe, sendo este o padrão de funcionamento do ciclo de violência.

Ainda com base na teoria de Bowlby (1989), cabe mencionar que o autor define a ansiedade de separação como resposta a uma ameaça ou risco de perda. Desse modo, uma mulher que possui apego inseguro ao vivenciar ameaças por parte do seu parceiro sobre abandono ou separação, poderá se comportar de modo a evitar ações que estimulem a ameaça de perda. Esse fator pode ser outro motivo pelo qual as mulheres se mantem em relacionamento abusivo, e como uma rede social ampla é de grande importância, para que ela possa experimentar outras relações, a fim de desenvolver ou reestruturar seu modelo de apego.

Diante disso, Ramires e Schneider (2010), pontuam a importância da rede de apoio e suporte aos cuidadores como significativo caminho para detecção precoce de possíveis dificuldades da relação cuidador-criança, além de promover o fortalecimento de vínculos familiares utilizando o sistema de saúde, educação ou assistência social da rede pública. A intervenção clínica individual, casal, familiar e grupal também é considerada como possibilidade de ressignificação do apego, segundo Bowlby (1989).

Consonante a isso, Habigzang, Schneider, Frizzo e Freitas (2018), a partir do contexto da clínica, utilizando a abordagem da Teoria Cognitivo Comportamental, mostraram resultado positivo sobre diminuição de ansiedade, depressão e estresse pós-traumático, reforçando a ideia de que a psicologia é de grande valia como método para o suporte emocional das mulheres violentadas, assim como possível caminho para (re)elaborar sua figura de apego.

As intervenções psicológicas podem oportunizar que as mulheres ressignifiquem suas vivências na infância, ou situações do presente, que muitas vezes causam incômodo e dor. O psicólogo será a base segura, aquele que acolhe, conforta e encoraja o paciente nesse seu processo de reestruturar sua figura de apego. A partir da análise das suas relações e

experiências com base em uma nova perspectiva, a pessoa desenvolve autonomia e escolhas adequadas ao seu modo atual de visão de mundo. Com isso, mulheres violentadas, que usufruem de suporte psicológico, podem compreender seu movimento ao se relacionar com homens abusivos ou os motivos de se manter em uma relação de sofrimento e violência, podendo desenvolver ações que rompam com o ciclo de violência (Bowlby, 1989).

Observando a relevância da intervenção psicológica para o rompimento do ciclo de violência, é importante pontuar que poucas produções foram encontradas no tocante as possíveis intervenções sobre mulheres vítimas de violência por parceiro íntimo. Destaca-se um estudo psicológico com abordagem cognitivo comportamental o qual utilizou técnicas específicas para diminuir sintomas presentes nas mulheres violentadas e comprovou sua eficácia na redução de ansiedade, depressão, estresse e aumentou a satisfação com a vida (Habigzang, Schneider, Frizzo, & Freitas, 2018).

Outros estudos mencionam a rede de apoio social como intervenção eficaz para o rompimento do ciclo de violência sofrido pela mulher. Alguns estudos afirmam a família como suporte emocional e material, destacando os filhos como os membros de maior vínculo. Para além disso, pontuam que essas mulheres possuem um número pequeno de pessoas que oferecem suporte e incentivo na procura de um centro especializado. Em relação as redes de assistência, há o acolhimento, informação, desenvolvimento da autonomia, segurança, orientação, processos educativos e encaminhamentos especializados. Tais estudos demonstram que as instituições de saúde, educação, segurança, assistência social ou centro especializado da mulher, tem grande importância e prioridade quando essas mulheres procuram suporte, antes mesmo de fazer a denúncia (Oliveira et al., 2019; Albuquerque Netto, Moura, Silva, Penna, & Pereira, 2015; Netto et al., 2017).

No entanto, Gomes et al (2013) e Oliveira et al (2019) trouxeram discussões sobre críticas às instituições públicas devido a um despreparo em acolher as mulheres violentadas, utilizando-se de julgamentos, assim como falhas ao fazer os devidos procedimentos de urgência e encaminhamentos, deixando essa população desassistida; tais condutas inapropriadas diminuem o vínculo e busca por apoio institucional, dificultando o enfrentamento da violência por parte das mulheres.

Desse modo, é considerável que novos estudos sejam feitos sobre essas mulheres de forma minuciosa, com o intuito de compreender sua história de vida, tendo em vista a importância de analisar suas relações sociais desde a infância. A Psicologia, enquanto um dos métodos de intervenção eficaz, pode contribuir de forma valiosa para esses estudos utilizando as diversas abordagens e análises sociocomportamentais, assim como, estudar o público masculino para possíveis intervenções, pois, tratando-se de uma relação entre duas pessoas, pensar a resolução apenas para um público, apenas prorroga o surgimento da problemática.

Para além disso, a capacitação dos profissionais que estão em contato direto com as mulheres violentadas, principalmente sobre acolhimento e orientação, tem se mostrado importante fortalecimento a ser feito enquanto responsabilidade do Estado para proteger essa população.

Almeja-se que este estudo possa contribuir e incentivar novas pesquisas sobre o tema, assim como, direcionar os gestores em Saúde Pública a pensar sobre novas possibilidades de intervenção e cuidado com mulheres violentadas.

Referências

Albuquerque Netto, Leônidas de, Moura, Maria Aparecida Vasconcelos, Fernandes e Silva, Giuliana, Penna, Lucia Helena Garcia, & Pereira, Adriana Lenho de Figueiredo. (2015).

Mulheres em situação de violência pelo parceiro íntimo: tomada de decisão por apoio institucional especializado. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 36(spe), 135-142. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472015000500135&lng=en&nrm=iso>. access on 09 Nov 2020. <https://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2015.esp.54361>

Bandeira, Lourdes Maria. Violência, gênero e poder: múltiplas faces (2017). In: *Mulheres e violências: interseccionalidades* / Organização Cristina Stevens, Susane Oliveira, Valeska Zanello, Edlene Silva, Cristiane Portela. Brasília, DF: Technopolitik. 628 p. Disponível em <file:///C:/Users/rdeznote/Downloads/Livro_MulheresViolenciasInterseccionalidades.pdf> Acesso em 26 abr 2021.

Barros, Érika Neves de, Silva, Maria Arleide, Falbo Neto, Gilliatt Hanois, Lucena, Sara Gomes, Ponzo, Lucas, & Pimentel, Amanda Patrícia. (2016). Prevalência e fatores associados à violência por parceiro íntimo em mulheres de uma comunidade em Recife/Pernambuco, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(2), 591-598. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232016000200591&lng=en&nrm=iso>. access on 09 Nov 2020. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015212.10672015>

Bowlby, John. (1989). *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas. 202 p. Disponível em <[file:///C:/Users/rdeznote/Downloads/\(Bowlby\)%20Uma%20base%20segura%20-%20aplicac%CC%A7o%CC%83es%20cli%CC%81nicas\[6\].pdf](file:///C:/Users/rdeznote/Downloads/(Bowlby)%20Uma%20base%20segura%20-%20aplicac%CC%A7o%CC%83es%20cli%CC%81nicas[6].pdf)> Acesso em 25 abr 2021.

Brasil. (2019). *A Vitimização de Mulheres no Brasil*, Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2ª ed. Disponível em: <<https://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/09/Anuario-2019-FINAL-v3.pdf>> Acesso em 15 dez 2020.

_____. (2020). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*, Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/anuario-14-2020-v1-interativo.pdf>> Acesso em 15 dez 2020.

Buvinic, Mayra; Morrison, Andrew; Shifter, Michael. (2000). *La violencia en América Latina y el Caribe: un marco de referencia para la acción*. Washington, DC: Banco Interamericano de Desarrollo; 1ª ed. Disponível em <http://www.pasa.cl/wp-content/uploads/2011/08/La_Violencia_en_AL_y_El_Caribe_Buvinic_Mayra_Morrison_Andrew.pdf> Acesso em 26 abr 2021.

d'Oliveira, Ana Flávia Pires Lucas, Schraiber, Lilia Blima, França-Junior, Ivan, Ludermir, Ana Bernarda, Portella, Ana Paula, Diniz, Carmen Simone, Couto, Márcia Thereza, & Valença, Otávio. (2009). Fatores associados à violência por parceiro íntimo em mulheres brasileiras. *Revista de Saúde Pública*, 43(2), 299-311. Epub 06 de março de 2009. Access on 09 Nov 2020. Epub Mar 06, 2009. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102009005000013>.

Gomes, Nadirlene Pereira; Carvalho, Milca Ramaiane da Silva; Couto, Telmara Menezes; Diniz, Normélia Maria Freire (2013). Violência conjugal e o atendimento da mulher na delegacia e no serviço de saúde. *Rev. Baiana de Enfermagem*, Salvador, v. 27, n. 2, p. 146-153, maio/ago. Disponível em <<https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/6928/7158>>. Acesso em: 09 Nov 2020.

Habigzang, Luisa Fernanda, Aimée Schneider, Jaluza, Petroli Frizzo, Rafaela, & Pinto Pizarro de Freitas, Clarissa. (2018). Evaluation of the Impact of a Cognitive-Behavioral Intervention for Women in Domestic Violence Situations in Brazil. *Evaluación del impacto de una intervención cognitivo-conductual para mujeres en situación de violencia doméstica en Brasil. Universitas Psychologica*, 17(3), 52-62. Available from

<http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-

92672018000300052&lng=en&nrm=iso>. access on 09 Nov

2020. <https://doi.org/10.11144/javeriana.upsy17-3.eicb>

Hooks, Bell. (2000). Vivendo de amor. In: *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Organização: Werneck, Jurema; Mendonça, Maisa; White, Evelyn C.

Rio de Janeiro, 256 p. Disponível em

<<file:///C:/Users/rdeznote/Downloads/Vivendo%20de%20Amor%20Bell%20Hooks.pdf>>.

Acesso em 26 abr 2021.

Leite, Franciele Marabotti Costa, Amorim, Maria Helena Costa, Wehrmeister, Fernando C, & Gigante, Denise Petrucci. (2017). Violence against women, Espírito Santo, Brazil. *Revista de Saúde Pública*, 51, 33. Epub April 10, 2017. Available from

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-

89102017000100223&lng=en&nrm=iso>. access on 09 Nov 2020. Epub Apr 10, 2017.

<https://doi.org/10.1590/s1518-8787.2017051006815>

Mascarenhas, Márcio Dênis Medeiros, Tomaz, Gabriela Rodrigues, Meneses, Gabriel Medina Sobreira de, Rodrigues, Malvina Thais Pacheco, Pereira, Vinícius Oliveira de Moura, & Corassa, Rafael Bello. (2020). Análise das notificações de violência por parceiro íntimo contra mulheres, Brasil, 2011-2017. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 23(Supl. 1), e200007.SUPL.1. Epub July 03, 2020. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-

790X2020000200405&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 nov 2020. Epub 03-Jul-

2020. <https://doi.org/10.1590/1980-549720200007.supl.1>.

Mathias, Ana Karina Rios de Araujo, Bedone, Aloisio José, Osis, Maria José Duarte, &

Fernandes, Arlete Maria dos Santos. (2013). Prevalência da violência praticada por parceiro

masculino entre mulheres usuárias da rede primária de saúde do Estado de São Paulo. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, 35(4), 185-191. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-72032013000400009&lng=en&nrm=iso>. access on 09 Nov 2020. <https://doi.org/10.1590/S0100-72032013000400009>.

Menezes, Telma Cursino, Amorim, Melania Maria Ramos de, Santos, Luiz Carlos, & Faúndes, Aníbal. (2003). Violência física doméstica e gestação: resultados de um inquérito no puerpério. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, 25(5), 309-316. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-72032003000500002&lng=en&nrm=iso>. access on 25 Apr. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0100-72032003000500002>.

Mota, Jurema Corrêa da, Vasconcelos, Ana Gloria Godoi, & Assis, Simone Gonçalvez de. (2007). Análise de correspondência como estratégia para descrição do perfil da mulher vítima do parceiro atendida em serviço especializado. *Ciência & Saúde Coletiva*, 12(3), 799-809. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232007000300030&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 nov 2020. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232007000300030>.

Moura, Leides Barroso Azevedo, Gandolfi, Lenora, Vasconcelos, Ana Maria Nogales, & Pratesi, Riccardo. (2009). Violências contra mulheres por parceiro íntimo em área urbana economicamente vulnerável, Brasília, DF. *Revista de Saúde Pública*, 43(6), 944-953. Epub 04 de dezembro de 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102009000600005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 nov 2020. Epub 04-Dez-2009. <https://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102009000600005>.

Nascimento, Beatriz. (2019). A mulher negra e o amor. In: Arruda, Angela et al. *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Organização: Heloisa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo. 40 p. Disponível em:

[file:///C:/Users/rdeznote/Downloads/HOLLANDA,%20H.%20B.%20Pensamento%20feminista%20brasileiro%20\(2019\)%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/rdeznote/Downloads/HOLLANDA,%20H.%20B.%20Pensamento%20feminista%20brasileiro%20(2019)%20(1).pdf)>. Acesso em 26 abr 2021.

Netto, Leônidas de Albuquerque, Moura, Maria Aparecida Vasconcelos, Araujo, Carla Luzia França, Souza, Maria Helena do Nascimento, & Silva, Giuliana Fernandes e. (2017). Social Support Networks For Women In Situations Of Violence By An Intimate Partner. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 26(2), e07120015. Epub July 03, 2017. Available from

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072017000200333&lng=en&nrm=iso>. access on 09 Nov 2020.

<https://dx.doi.org/10.1590/0104-07072017007120015>.

Oliveira, Caio Alves Barbosa de, Alencar, Lucas Noronha de, Cardena, Rebeca Ribeiro, Moreira, Kátia Fernanda Alves, Pereira, Priscilla Perez da Silva, & Fernandes, Daiana Evangelista Rodrigues. (2019). Perfil da vítima e características da violência contra a mulher no estado de Rondônia - Brasil. *Rev Cuid.*; 10(1): e573.

<https://revistas.udes.edu.co/cuidarte/article/view/573> . Acesso em 09 Nov 2020.

Rafael, Ricardo de Mattos Russo, Moura, Anna Tereza Miranda Soares de, Tavares, Jeane Marques Cunha, Ferreira, Renata Evelin Moreno, Camilo, Glauce Gomes da Silva, & Netto, Mercedes. (2017). Profile of intimate partner violence in Family Health Units. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 70(6), 1259-1267. Available from

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672017000601259&lng=en&nrm=iso>. access

on 09 Nov 2020. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0007>

Ramires, Vera Regina Röhnelt, & Schneider, Michele Scheffel. (2010). Revisitando alguns conceitos da teoria do apego: comportamento versus representação?. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), 25-33. Available from

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722010000100004&lng=en&nrm=iso>. access on 26 Apr 2021. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000100004>

Silva, Luciane Lemos da, Coelho, Elza Berger Salema, & Caponi, Sandra Noemi Cucurullo de. (2007). Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 11(21), 93-103. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832007000100009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 abr. 2021. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832007000100009>

Silva, Milena da Rosa, & Piccinini, Cesar Augusto. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 24(4),

561-573. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2007000400015&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 26 Abr 2021. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2007000400015>

Thurler, Ana Liése. (2017). Violências ocultas sob o não-reconhecimento paterno: fala de uma mulher negra. In: *Mulheres e violências: interseccionalidades* / Organização: Cristina Stevens, Susane Oliveira, Valeska Zanello, Edlene Silva, Cristiane Portela. Brasília, DF:

Technopolitik. 628 p. Disponível em

<file:///C:/Users/rdeznote/Downloads/Livro_MulheresViolenciasInterseccionalidades.pdf>.

Acesso em 26 abr 2021.

Vieira, Elisabeth Meloni, Perdona, Gleici da Silva Castro, & Santos, Manoel Antonio dos. (2011). Factors associated with intimate partner physical violence among health service users. *Revista de Saúde Pública*, 45(4), 730-737. Epub 03 de junho de 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102011000400013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 nov 2020.
<https://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102011005000034>

Waiselfisz, Julio Jacobo. (2015). *Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil*. Brasília – DF, 1ª ed. Disponível em <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/assuntos/violencia/pesquisas-e-publicacoes/mapaviolencia_2015_mulheres.pdf>. Acesso em 15 dez 2020.

Tabela 1

Principais características sociodemográficas

Autores do Artigo	Cor/Raça	Escolaridade	Class Social	Ocupação	Apoio Familiar	Chefe da Família	Residência	Tipos de Violência
Mascarenhas, M. D. M. et al.	Negra	≤8	---	---	---	---	---	Fís.; psi.; sex.
Oliveira, C. A. B. et al.	Negra	9	---	---	---	---	---	Fís.; sex.; psi.
Rafael, R. M. R. et al.	Negra	≤8	C	---	---	---	---	Psi.; sex.; fís.
Leite, F. M. C. et al.	Parda	≥9	---	---	---	---	---	Psi.; fís.; sex.
Netto, L. A. et al.	Branca	12	---	---	---	---	---	---
Barros, É. N. et al.	Preta ou Parda	≥8	---	Desempregada	---	---	---	Psi.; fís.; sex.
Mathias, A. K. R. A. et al.	Negra	≤8	C	Empregada	---	---	---	Psi.; fís.; sex.
Vieira, E. M. et al.	Branca	12	C	---	---	Parceiro	Própria	---
Moura, L. B. A. et al.	---	4 a 7	---	Desempregada	Sim	---	---	Psi.; fís.; sex.
d'Oliveira, A. F. P. L. et al.	SP- Branca / RE- Parda	≤8	C	---	Sim	---	---	---
Mota, J. C. et al.	Preta ou Parda	<12	---	Empregada	---	Parceiro	Própria	---

Nota: tabela elaborada pelas autoras deste artigo